

UM OLHAR SOBRE O GÓTICO NA LITERATURA BRASILEIRA: O INSÓLITO E O MEDO NO CONTO “A DANÇA DOS OSSOS”, DE BERNARDO GUIMARÃES

COSMO JADSON ALVES LEITE*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), Mossoró, RN, Brasil.

WESLEY MAYRON CUNHA PACHECO**


Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), Mossoró, RN, Brasil.


Recebido em: 11 ago. 2023. Aprovado em: 2 out. 2023.

Como citar este artigo: LEITE, C. J. A.; PACHECO, W. M. C. Um olhar sobre o gótico na literatura brasileira: o insólito e o medo no conto “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 3, p. 123-137, set./dez. 2023. DOI 10.5935/cadernosletras.v23n3p123-137

Resumo

Muitos dos produtos conhecidos no contexto literário gótico evidenciam autores estrangeiros. Tamanha a universalidade da escrita gótica, se investigarmos

* E-mail: cosmoalves1995@gmail.com
 <https://orcid.org/0009-0004-4559-2342>

** E-mail: wesscunha75@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-8212-0580>

essa tendência também na literatura brasileira, observaremos que muitas obras carregam consigo essa possibilidade de análise. Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar o conto “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães, e seu caráter insólito, de modo a verificar como esse recurso é usado no conto para promover o medo. O artigo se configura como uma revisão de literatura com caráter analítico-descritivo. Poucos trabalhos destacam textos literários nacionais sob um olhar gótico, considerando a grandiosidade da literatura brasileira dentro desse aspecto.

Palavras-chave

Gótico. Insólito. “A dança dos ossos”.

INTRODUÇÃO

O gótico é um estilo que tem representações em várias áreas, peregrinando, entre tantas, pela arte, pela arquitetura, pelo cinema etc. Há muito tempo, tem sido estudado nos mais diversos contextos de produção e realização, utilizado para representar culturas e comportamentos que caracterizam os mais diversos padrões sociais e civilizatórios.

Ao comentar sobre a diversidade intrínseca às manifestações do gótico na cultura, Ribeiro (2021, p. 19) afirma que “pode-se referir ao gótico ao se falar de um povo, uma cultura, uma arquitetura, uma HQ, uma pintura, uma música, um vestuário, um cinema e uma literatura”. Isso contribui, nesse sentido, para demonstrar a grandiosidade dessa tendência e como, no decorrer do tempo, o termo se tornou universal e foi se expandindo para outras instâncias.

É relevante destacar, ainda, e dentro do próprio universo gótico, a presença de vários termos, expressões e categorias que se relacionam com esse estilo. Ribeiro (2021, p. 20) pontua alguns desses termos e expressões, a saber: “o gótico feminino, o gótico pós-colonial, o gótico *queer*, o sobrenatural, o terror psicológico e o horror [...]”, que são ressaltados pelo autor justamente para demonstrar as ramificações que surgem do gótico. Assim sendo, dependendo da obra a ser lida ou do contexto a ser estudado, podem ser adotadas diferentes perspectivas no que concerne ao estudo do gótico e às suas várias formas de manifestação.

Do mesmo modo, tal corrente é bastante recorrente na literatura, campo que, por meio de personagens literários e narrativas intensas, apresenta várias das características responsáveis por tornar esse estilo tão singular, como a presença de monstros, de castelos medievais e de figuras dramáticas e misteriosas para evocar o medo de alguma maneira. Discutindo especificamente sobre a literatura gótica – na qual este artigo pretende se deter –, também podemos apontar várias obras literárias que foram se popularizando com o passar do tempo e tornando a expressão “gótico literário” cada vez mais disseminada, a saber: *Frankenstein*, de Mary Shelley; *O castelo de Otranto*, de Horace Walpole; *Drácula*, de Bram Stoker; entre tantas outras.

A partir dessas considerações, apontamos uma singularidade que desperta a produção deste estudo: o fato de muitos dos produtos mais conhecidos no contexto literário gótico – leia-se prosas, poesias, contos etc. – colocarem em evidência, na maioria das vezes, apenas autores estrangeiros. Para fins de estudo acerca da universalidade da escrita gótica, faz-se mister a busca dessa tendência também na literatura brasileira, pois, como aponta França (2017, p. 111-112):

Dentre os muitos fatores que ajudam a explicar o que estamos chamando de sequestro do Gótico no Brasil, sobressai a perspectiva assumida pela crítica de que a literatura gótica possuiria temas e ambientações estranhos à cultura e ao território brasileiro – e, por conseguinte, seu influxo sobre a literatura nacional seria, quando muito, contingencial. A crítica literária da primeira metade do século XIX contribuiu de modo decisivo para esse entendimento, baseando-se na suposição de haver uma relação necessária entre a literatura, a geografia e o espírito de uma nação.

Citando especificamente o gótico pós-colonial – expressão citada, inclusive, por Ribeiro (2021) –, tal ramificação “busca resgatar narrativas que, através de suas características, permite expor as incoerências do sistema colonial e denuncia aquelas que ainda hoje se encontram presentes nessas sociedades”, como explica Pontes Neto (2017, p. 12). Ainda, no que se refere ao gótico e à sua relação com os países e suas narrativas pós-coloniais, é importante citar França (2017, p. 113):

O Gótico é, portanto, fundamentalmente um fenômeno moderno. A narrativa gótica carrega em si marcas profundas que o Iluminismo imprimiu no pensamento ocidental: das fissuras que a razão criou nas concepções teológicas de

mundo; dos velhos terrores que as Luzes não conseguem eliminar; dos novos horrores produzidos pela ciência e pela tecnologia. Sob uma perspectiva literária, compreender o desenvolvimento das principais formas narrativas ficcionais modernas – o romance e o conto – significa estabelecer suas ligações com suas raízes góticas e seus desdobramentos.

Nesse ínterim, um conto que pode muito bem ser citado como uma representação concreta do gótico pós-colonial despertou nossa atenção nos escritos literários nacionais, a saber: “A dança dos ossos”, do escritor Bernardo Guimarães. Tal narrativa será analisada nesta produção como forma de destacar a presença da tendência gótica na literatura brasileira.

Contudo, é preciso acrescentar que não se pretende evidenciar o gótico pós-colonial quando da realização de uma análise dessa diegese. Apesar de ser sobremaneira relevante avaliar quais as características que destacam esse conto de Guimarães sob uma perspectiva do gótico pós-colonial, nesta investigação adotamos como propósito estudar outro termo bastante associado ao gótico e que pode ser analisado na produção literária em questão, a saber: o insólito.

Dessa maneira, o objetivo geral deste estudo é analisar o conto “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães, e seu caráter insólito, de modo a verificar como esse recurso é usado no conto para causar medo. Nessa perspectiva, pretende-se pesquisar a respeito do termo insólito e de sua presença nas investigações sobre o gótico, e destacar as características principais do conto que podem ser relacionadas ao insólito na conjuntura gótico-literária contemporânea.

Diante disso, a respeito do resgate da literatura gótica brasileira, França (2017, p. 116) é enfático ao verificar que

Resgatar o Gótico de seu sequestro e introduzi-lo na história da literatura brasileira exige, forçosamente, um melhor entendimento dessa tradição artística. Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que as narrativas góticas caracterizam-se por seu profundo e consciente caráter ficcional. A verossimilhança é produzida não por meio do rígido respeito às leis da probabilidade, mas através de técnicas narrativas complexas, em que se destacam, por exemplo, os mecanismos de mútua corroboração de narrativas em moldura (cf. PUNTER, 1996, p. 137). Embora haja a tematização de grandes questões políticas, sociais e culturais, ela se dá por meio de figurações, recursos simbólicos e outros processos convencionais de criação artística, o que leva o Gótico a ser erroneamente confundido com uma forma artística antirrealista.

Assim, tamanha a pluralidade que pode ser encontrada nos estudos do gótico, é relevante que busquemos tal pluralidade também nas produções literárias brasileiras a fim de destacarmos outros autores que não apenas os estrangeiros. De modo a alcançarmos o objetivo pretendido, a produção investigativa se configura como uma revisão de literatura de cunho analítico-descritivo, em que serão utilizadas pesquisas e discussões de outros autores a respeito do objeto de estudo. Para nos concentrarmos no estudo a respeito do termo “insólito” nos conceitos góticos, a próxima seção vai se aprofundar no que representa tal termo e suas principais concepções.

Para contextualizar melhor o objeto de estudo, em seguida será feita uma breve consideração sobre Bernardo Guimarães e sobre o que ele representa para a literatura brasileira. Na seção posterior, após explicado e discutido o termo “insólito”, será analisado como o conto “A dança dos ossos” se encaixa na perspectiva pretendida: o uso de aspectos insólitos como recurso para produção do medo. Por fim, apresentamos as principais conclusões do ensaio.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSÓLITO

Como pontuado anteriormente, muitos termos podem ser associados ao gótico e às suas representações, e já destacamos alguns para fins de embasamento. O principal propósito desta seção é discutir a respeito de outro termo que se relaciona com essa premissa, o insólito, que será o principal escopo para discutirmos sua presença na seção de análise do conto.

Dessa maneira, iniciamos nossas considerações colocando em evidência o que pontua García (2007) ao se referir ao termo “insólito”. Apontando que a tradição crítico-teórica se baseia muito nessa concepção, o autor vai assinalar que eventos considerados insólitos podem se manifestar por meio de três aspectos: “o *Maravilhoso* – clássico ou medieval –, o *Fantástico* – e seus coetâneos, o Sobrenatural e o Estranho –, [...] o *Realismo Mágico ou Realismo Fantástico* – e, mesmo, o Absurdo” (García, 2007, p. 12, grifos nossos). Desse modo, assevera-se que esse conceito vai se manifestar em narrativas que evidenciem esses três elementos em suas pretensões. Outrossim, o excerto de Batista (2007, p. 54-55) pode ajudar a explicar, ainda, em que esfera se encontra o insólito, para além desses três aspectos citados:

É na condição de desmascaramento da realidade e de ocultamento da fronteira entre real e irreal que se enquadra também a ficção pós-moderna de traço insólito. A inserção desse elemento faz com que as narrativas contemporâneas que o têm como marca distintiva aproximem-se dos gêneros da tradição. Por outro lado, tanto a função do insólito quanto seus efeitos são muito diversos.

Nesse caso, podemos abranger o insólito dentro do que fere a realidade; do que é difícil de compreender quando comparamos com o que é normal e comum nos costumes e nas crenças sociais, ou, fazendo alusão às palavras da autora citada, desmascara o que é considerado real. Trazendo isso para o contexto do gótico, Alonso-Collada (2014) evidencia que inúmeras narrativas utilizam o que ela chama de incompreensível como recurso para causar medo.

Dito isso, podemos intuir o insólito em uma narrativa gótica como algum elemento incomum usado como recurso para despertar temor e o receio em uma determinada situação. Ou seja, aquilo que, na vida real ou em uma interpretação lógica, não faria nenhum sentido de acontecer, pois se insere nessa ocorrência fantástica ou mágica ou absurda, fazendo alusão aos termos citados por García (2007).

Portanto, o insólito se faz presente no que não seria possível de acontecer no senso comum e, nas narrativas góticas, pode ser usado como instrumento para causar medo ou repulsa nos personagens. Nas palavras de Alves (2010, p. 85), “o insólito dialoga com os conceitos de verdade e com a realidade da sociedade ou com o tempo em que é representado”, isto é, podemos intuir que é toda aquela manifestação que discute o que é ou não real nos padrões e na realidade da sociedade.

Em alguns estudos, em vez de “insólito”, o termo “fantástico” é bastante recorrente, já que é justamente nessa dimensão que se encontra aquilo que é fantástico se comparado ao que é real. Oliveira (2017, p. 119) contribui para a discussão afirmando que o insólito se encontra em um espaço “onde tudo é possível, que não é regido pelas mesmas leis naturais do mundo prosaico. Ele é povoado por criaturas e seres polimorfos, é o espaço do não-real, do perturbador e do inexplicável [...]”. A respeito da presença do gótico nas narrativas em que o fantástico também se faz presente, tal autor assevera o seguinte:

O gótico transgride os valores de sua época ao: se associar com o sobrenatural; utilizar elementos insólitos em suas narrativas oriundos seja da imaginação, do delírio ou do próprio folclore pagão; e apresentar facetas ocultas do ser humano, tais como a violação social, mental e espiritual. Diversas vezes, esses elementos conferiam pensamentos negativos, primitivos, irracionais e fantásticos às obras góticas, pois a leitura de uma dessas suscitava no leitor sentimentos que ultrapassavam a razão, esboçando situações que demonstravam paixão, entusiasmo [...] (Oliveira, 2017, p. 120).

Posto isso, e provido das palavras do autor, podemos entender essa conexão do gótico com o que venha a ser considerado insólito como uma tentativa de demonstrar o que o ser humano tem dentro de si por meio desses elementos que podem transformar sua forma de pensar e de enxergar sua realidade, revelando, talvez, o melhor ou o pior de si mesmo.

Espera-se que, até este ponto, tenhamos conseguido abranger o significado do insólito como aquilo que é extraordinário, fantástico, raro, incomum e/ou absurdo de acontecer. Quando utilizado em associação com o gótico, pode despertar o medo através do que não é habitual no senso comum. Na próxima seção, serão feitas algumas considerações acerca de Bernardo Guimarães, de modo a evidenciar nosso *corpus* de estudo neste ensaio, que é o conto desse autor.

BERNARDO GUIMARÃES

Patrono da cadeira nº 5 da Academia Brasileira de Letras, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884) nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, tendo pertencido a uma família de intelectuais, como assim destaca Souza (2012). Romancista e poeta brasileiro, sua obra mais famosa foi *A escrava Isaura*, romance bastante conhecido e adaptado para os mais diversos meios de comunicação, como a televisão e o teatro. Sobre a opinião da crítica com relação à obra completa do autor, Faria Filho (2006, p. 157) pontua o seguinte:

Apesar de reconhecerem o enorme sucesso, de público, da produção literária de Bernardo Guimarães, a crítica e a história literária mostram-no como autor de uma obra bastante controversa. Romântico por excelência, o lugar e a importância da obra de Bernardo Guimarães é objeto de discussões entre nossos principais historiadores da literatura e críticos literários.

Tal obra controversa citada no excerto seria justamente *A escrava Isaura*, a história da escrava de pele branca que é criada como filha na família em que serve. Guimarães ainda é considerado o criador do chamado romance sertanejo e regional, e talvez o conto objeto de análise neste trabalho carregue consigo um pouco dessa característica, que também ajudou o autor a se consagrar na literatura brasileira.

“A dança dos ossos”, o conto que será analisado neste estudo, apresenta homens caracteristicamente sertanejos do interior em volta de uma fogueira, e um deles, um barqueiro, decide contar uma história que lhe aconteceu quando passava por uma floresta. O caráter absurdo da história que ele conta contribuiu para que este ensaio e a perspectiva de análise que ele pretende adotar surgissem. Nesse ínterim, é nessa análise que pretendemos nos concentrar na próxima seção.

“A DANÇA DOS OSSOS”, DE BERNARDO GUIMARÃES, E SEU CARÁTER INSÓLITO

Dividido em quatro capítulos, o conto começa nas margens do Rio Parnaíba, “entre as províncias de Minas e Goiás” (Guimarães, 2021, p. 2), onde o narrador-personagem e seus companheiros estão ao redor de uma fogueira à noite. O mais velho deles, Cirino, um barqueiro que dá passagem aos viajantes, é quem narra a história em certo ponto do conto. Segundo ele, nem aconselha outros e nem adentra a floresta e o caminho da mata em dia/noite de sexta-feira, pois vai encontrar uma cova entreaberta com uma cruz de pau, onde o defunto Joaquim Paulista foi enterrado.

Nessa cova, segundo o contador, não se encontra o corpo do homem, apenas sua alma, com o que o narrador principal se impressiona; afinal, o comum é o corpo ser enterrado, e não a alma. Os ossos do defunto Joaquim não se encontram nessa cova, pois só vão lá às sextas-feiras para assombrar os vivos, de acordo com a narrativa de Cirino, que viu por si mesmo, em uma sexta-feira que passou pela cova, os ossos dançando.

A lua batia de chapa na areia branca do meio da estrada. Enquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá, no meio do caminho, uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e

estalando numa toada certa, como gente que está dançando ao toque de viola. Depois, de todos os lados, vieram vindo outros ossos maiores, saltando e dançando da mesma maneira. Por fim de contas, veio vindo lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo; e dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. Daí começaram aqueles ossos todos a dançar em roda da caveira [...] (Guimarães, 2021, p. 3-4).

Dançando ao redor da caveira, os ossos acabam por formar o corpo e assustam o homem da cabeça aos pés:

[...] o esqueleto escachou as pernas e os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça, que veio cair direito no meio dos ombros, como uma cabaça oca que se rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo!... (Guimarães, 2021, p. 5).

Observa-se o caráter fantástico contido nas palavras de Cirino, que narra sobre uma dança de ossos que assusta viajantes. A narrativa, por si só, já carrega consigo um aspecto sobremaneira insólito, pois destaca aspectos absurdos no decorrer da leitura. Afinal, não é comum à realidade ossos dançarem e saírem de suas covas.

O fato de a alma ser enterrada na cova e o corpo, evidenciado pela presença dos ossos, sair para assustar as pessoas nas noites de sexta-feira, por si só, já se configura como algo que desafia a realidade lógica: “com o teu defunto, vejo agora, pela primeira vez, que se trocaram os papéis: a alma fica enterrada e o corpo vai passear” (Guimarães, 2021, p. 3-4). Isso configura uma violação do que deve ser aceito como natural, ou seja, o texto de Guimarães (2021) desafia a realidade de forma a se verificar uma quebra nos padrões do que é comum e natural. Isso posto, é mister citar o que afirma França (2017) ao comentar a respeito de como essa quebra de padrões pode ser considerada intrínseca à literatura gótica.

Vejamos:

Investir contra as convenções do realismo não significa, contudo, ser avesso ao real. Os principais modelos de descrição e definição de “narrativa”, por serem muito influenciados por teorias miméticas, tomam como paradigmas os textos realistas. Em consequência, há a naturalização da crença de que todo e qualquer aspecto de uma narrativa pode e deve ser explicado com base em nossos parâmetros cognitivos de conhecimento do mundo real. Muito da força da

literatura gótica, porém, está justamente em sua violação dos parâmetros do realismo tradicional, ao apresentar eventos, enredos e personagens que estendem ou desafiam nosso conhecimento de mundo (França, 2017, p. 116).

Assim, verifica-se que o enredo do conto de Guimarães, além de conter tais elementos como esqueletos, ossos, caveiras etc., não se enquadra nos ditos parâmetros cognitivos de conhecimento do mundo real, nas próprias palavras do autor. A maneira como a diegese se desenvolve traz à tona essas questões que desafiam a realidade e suas premissas.

No que se refere à presença do medo como componente de construção da narrativa, o espaço onde a estória ocorre também sobressai. Realçado pela fogueira acesa à noite às margens do Rio Parnaíba; pela floresta em que os viajantes têm medo de passar às sextas-feiras; pelo próprio espaço da cova, que remete ao cemitério e à morte, esse espaço também é responsável por trazer o temor à estória.

Retomando Oliveira (2017, p. 119), citado em nossas considerações iniciais, o autor pontua que “o espaço é um elemento narratológico que evidencia a face insólita da diegese ao leitor, possibilitando que aflorem nele sentimentos e sensações variadas como inquietação, estranhamento, empatia e medo”. Dessa maneira, podemos conceber, no conto de Guimarães, uma essencialidade para a construção do espaço de medo e, ainda, do caráter insólito, considerando o que afirma Oliveira (2017) a respeito de o espaço colocar em evidência a face insólita em uma narrativa. Os homens estão ao redor de uma fogueira, à noite, e essa atmosfera já contribui para que se crie um ambiente sinistro para que se conte a estória.

Oliveira (2017, p. 119) também vai acrescentar que “é comum às narrativas do Modo Fantástico que o espaço mude, alterne, se transforme, ocorrendo uma sobreposição de duas ou mais dimensões dentro da narrativa, sendo esse um procedimento recorrente [...]”, e, por fantástico, podemos remeter ao insólito, com base nos conceitos de García (2007), sendo o espaço, nesse sentido, responsável por inserir aspectos góticos e insólitos na narrativa. Observemos o trecho que dá início ao Capítulo 3 do conto, para pontuar, na própria narração, a presença do espaço como componente que coloca em foco a presença do insólito como recurso para causar medo, manifestado na referência ao esqueleto como alegoria viva:

A hora avançada, o silêncio e solidão daqueles sítios, teatro desses assombrosos acontecimentos, contribuíram também grandemente para torná-los quase visíveis e palpáveis. Os caboclos, de boca aberta, o escutavam como olhos e ouvidos transidos de pavor, e de vez em quando, estremecendo, olhavam em derredor pela mata, como que receando ver *surgir o temível esqueleto a empolgar e levar pelos ares alguns deles* (Guimarães, 2021, p. 6, grifo nosso).

E, discutindo a afirmação de Oliveira (2017) a respeito da alteração dos espaços em narrativas de modo fantástico, analisa-se, no conto de Guimarães, que esse espaço também se alterna bastante. Este vai do local ao redor da fogueira, destacado no excerto anterior, até o espaço da cova onde os ossos dançam no meio da floresta; e, ainda, o espaço de outra história que é contada pelo próprio narrador dentro do conto a fim de justificar a imaginação de Cirino:

– É que nesses casos eu não acredito nem nos meus próprios olhos, senão depois de estar bem convencido, por todos os modos, de que eles não enganam. Eu te conto um caso que me aconteceu. Eu ia viajando sozinho – por onde não importa – de noite, por um caminho estreito, em cerradão fechado, e vejo ir, andando a alguma distância diante de mim, qualquer coisa, que na escuridão não pude distinguir. Aperto um pouco o passo para reconhecer o que era, e vi clara e perfeitamente dois pretos carregando um defunto dentro de uma rede (Guimarães, 2021, p. 7-8).

A narrativa vai para tantos lugares fantásticos que ainda é destacado, dentro da diegese, o porquê de esses ossos dançarem às sextas-feiras, a saber: o triângulo amoroso entre Joaquim Paulista, Carolina e Timóteo, que terminou em tragédia. Carolina, de caso com Timóteo, envolve-se com Joaquim Paulista. Timóteo decide, por fim, tirar a vida de Joaquim por isso, pedindo ajuda de um companheiro seu. A narrativa que surge desse assassinato também acaba por ser cheia de eventos mirabolantes e fantásticos, como é possível perceber no trecho seguinte, retirado do conto:

Diz o povo que enquanto não se ajuntar na sepultura até o último ossinho do corpo de Joaquim Paulista, essa cova não se fecha. [...] Outros dizem que, enquanto os matadores de Joaquim Paulista estivessem vivos neste mundo, a sua sepultura havia de andar sempre aberta, nunca os seus ossos teriam sossego, e haviam de andar sempre assombrando os viventes cá neste mundo [...]. Enfim eu fui à vila pedir ao vigário velho, que era o defunto padre Carmelo, para

vir bendizer a sepultura de Joaquim Paulista, e tirar dela essa assombração que aterra todo este povo. Mas o vigário disse que isso não valia de nada; que enquanto não se dissessem pela alma do defunto tantas missas quantos ossos tinha ele no corpo, contando dedos, unhas, dentes e tudo, nem os ossos teriam sossego, nem a assombração acabaria, nem a cova se havia de fechar nunca (Guimarães, 2021, p. 13).

Portanto, além da presença de todos esses espaços de narração fantástica, o conto de Guimarães, por si só, carrega consigo inúmeras reviravoltas e confluências repletas de eventos insólitos que, no fim, ajudam a entregar o tom gótico de todos os relatos. Desse modo, o absurdo no conto é um dos principais elementos que ajudam na construção do medo que envolve todos os personagens. No fim, o narrador deixa seu recado para pontuar a veracidade da prosa: “espero que meus leitores acreditarão comigo, piamente, que o velho barqueiro do Parnaíba, uma bela noite, andou pelos ares montado em um burro, com um esqueleto na garupa” (Guimarães, 2021, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta produção foi analisar o conto “A dança dos ossos”, de Bernardo Guimarães, e seu caráter insólito, de modo a verificar como esse recurso é usado no conto para causar medo. O medo, aqui, não é visto apenas como uma alusão ao simples susto ou a um perigo, mas é usado também para entendermos que o gótico, por meio do insólito, provoca reflexões no leitor de caráter social, não precisando se valer da mimese ou do realismo, literatura que é defendida pelos críticos como sendo a verdadeira literatura brasileira. O caráter do gótico é desnudar o realismo e apontar, por meio de elementos fantásticos, que a compreensão de mundo do leitor pode ser quebrada por meio de aspectos intrínsecos a esse estilo.

Observa-se que poucos trabalhos destacam obras literárias brasileiras sob um olhar gótico, isso se considerarmos a grandiosidade da literatura brasileira nesse contexto. Tais trabalhos, nessa ótica, podem ser considerados insuficientes, já que inúmeras obras literárias de caráter nacional carregam consigo particularidades que permitem esse tipo de análise.

Muitos outros contos destacam o terror em uma perspectiva nacional, a saber: “Sem olhos”, de Machado de Assis; e “Bertram”, de Álvares de Azevedo,

só para citar alguns. No que concerne especialmente à análise de aspectos insólitos, também não houve muitas obras que adotassem esse recurso como referência de análise para obras brasileiras.

A leitura do conto de Guimarães destaca o insólito de forma bem consistente, haja vista o absurdo da maioria dos eventos destacados, e especialmente no que se refere aos espaços e ambientes evidenciados. Assim sendo, por meio desta análise, foi possível verificar que não apenas os acontecimentos ou personagens podem carregar propriedades insólitas, mas até a maneira como os espaços são inseridos e descritos nas narrativas promove, em um primeiro momento, absurdo para o leitor e, em um segundo momento, reflexões a respeito do mundo que o cerca; no caso, relacionamentos amorosos e separações indesejadas.

Também se pôde verificar brevemente que o conto de Guimarães, aqui analisado seu caráter insólito, contém elementos e premissas que destacam o gótico pós-colonial, que foi notadamente comentado para fins de contextualização da narrativa investigada. De maneira que não foi premissa do estudo se inserir nas características do gótico pós-colonial que estão contidas na obra de Guimarães, isso deixa margem para a produção de um outro estudo que se concentre especificamente em analisar tal questão, isto é, o que se aponta no conto “A dança dos ossos” que pode ser verificado como elemento que dá margem à análise do gótico pós-colonial. Dessa feita, fica como sugestão para o desenvolvimento de outra produção.

Espera-se que todos os aspectos aqui analisados tenham contribuído para o entendimento acerca do insólito e de como esse recurso é utilizado nas narrativas góticas para causar medo e repulsa, de maneira que foi esse o principal pressuposto da realização desta investigação.

A look at the Gothic in Brazilian literature: the unusual and fear in the tale “A dança dos ossos”, by Bernardo Guimarães

Abstract

Many products in the Gothic literary context highlight foreign authors. Great is the universality of Gothic writing, we could investigate this trend in Brazilian literature as well, as we are going to observe that many works carry this

possibility of analysis with them. Thus, the general objective of this study is to analyze the tale “A dança dos ossos”, by Bernardo Guimarães, and its unusual character, in order to verify how this element is used in the tale to cause fear. The article is configured as a literature review with an analytical-descriptive character. Few works highlight national literary texts under a Gothic perspective, considering the greatness of Brazilian literature in this regard.

Keywords

Gothic. Unusual. “The dance of the bones”.

REFERÊNCIAS

ALONSO-COLLADA, I. O. Estrategias ficcionales de lo insólito: la literatura gótica frente a la literatura fantástica. *Badebec*, v. 3, n. 6, p. 138-168, marzo 2014.

ALVES, E. E. G. O insólito na literatura: um defunto-herói em Moçambique. *Semioses*, v. 4, n. 2, p. 84-91, 2010.

BATISTA, A M. S. As (des)fronteiras do insólito na literatura: reflexões e possibilidades na contemporaneidade. In: GARCÍA, F. (org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 45-65.

FARIA FILHO, L. M. Ilustração e educação: uma leitura de Bernardo Guimarães. *Educação*, Santa Maria, v. 31, n. 1, p. 153-174, 2006.

FRANÇA, J. O sequestro do gótico no Brasil. In: COLUCI, L.; FRANÇA, J. (org.). *As nuances do gótico: do Setecentos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 111-122.

GARCÍA, F. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. In: GARCÍA, F. (org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário – mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 11-23.

GUIMARÃES, B. *A dança dos ossos*. Manaus: Valer, 2021.

OLIVEIRA, B. S. de. Do casarão ao cemitério: o espaço e o horror em contos sertanistas de Monteiro Lobato. *Todas as Musas*, v. 9, n. 1, p. 118-126, jul./dez. 2017.

PONTES NETO, P. da S. *O gótico como forma de expressão do sujeito pós-colonial em Murther and walking spirits, de Robertson Davies*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

RIBEIRO, E. S. *O gótico e seus monstros*. São Paulo: Cartola, 2021.

SOUZA, L. B. de. *Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhas de O seminarista*, de Bernardo Guimarães. 2012. 199 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.